

## Os Cinco Impérios Breve roteiro para o Credo Antrópico

Paula de Oliveira Carvalho<sup>1</sup>

### Babilônia

Nabucodonosor, depois de conquistar Jerusalém em 605 a.C., levou consigo, além de objetos de valor, jovens prisioneiros israelitas de famílias nobres para serem preparados para o serviço governamental da Babilônia. Daniel seria um destes, que após receber esmerada educação, integrou o seletto grupo de sábios, conselheiros do rei. Em 602 a.C., Nabucodonosor teve um sonho sobre o futuro: “uma grande estátua, cuja cabeça era feita de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze, pernas de ferro e pés metade de ferro e metade de barro, recebe uma pedra vinda do alto que lhe atinge os pés, destruindo-a. A pedra se expande até cobrir totalmente a terra”. No dia seguinte, os sábios são chamados para uma difícil tarefa: deviam contar ao rei o sonho que tivera (pois ele se esquecera), e, além disto interpretá-lo. Segundo o Velho Testamento, Deus enviou a Daniel o mesmo sonho do rei. Daniel relatou o sonho e sua interpretação: as diferentes partes da estátua seriam reinos que se sucederiam no domínio do mundo, a começar pelo Império Babilônico, chefiado por Nabucodonosor e representado pela cabeça de ouro. Depois deste, teria vez o reino cujo símbolo seria a prata, depois o bronze, e ainda o ferro e, por último, o quinto reino, representado pelos pés, seria dividido e, ao mesmo tempo, forte e fraco devido à força do ferro e à fraqueza do barro. Nesse tempo, os reis procurarão se unir, mas isto será impossível, visto que ferro e barro não se unem. Apesar disto, este reino nunca será destruído, reinará para sempre<sup>2</sup>.

A interpretação histórica tradicionalmente dada aos quatro grandes impérios da antiguidade do sonho-reprise de Daniel diz que a cabeça de ouro representa o Império de Nabucodonosor, o Babilônico (605-539 a.C.). O peito e os braços de prata, o Império Medo-Persa (539-331 a.C.), que durou mais tempo que o primeiro, e foi inferior culturalmente. O ventre e as coxas de bronze, o Império de Alexandre, o Grande e seus sucessores, que, segundo estudiosos, seria melhor denominado como Macedônico, mas intitulou-se Grego (331-168 a.C.). As pernas de ferro, o Império Romano (168 a.C. a 476 d.C.) que dominou e absorveu os três reinos que sobraram dos sucessores de Alexandre. O Quinto Império representado pelos pés de ferro e barro é de maneira geral visto como um Império “Universal” e “Espiritual”, que jamais se concretizou, dando origem à idéia ou profecia do

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia Clínica (PUC-RJ). Membro do NovaMente/RJ.

<sup>2</sup> Bíblia Sagrada. Velho Testamento. Livro de Daniel (2: 1-49).

“Quinto Império”. À vacância deste lugar sempre teve e tem ainda hoje muitos candidatos, tanto materiais (p. ex., nações) como espirituais (p. ex., Cristo).

### Sebastianismo

Inspirado nas profecias bíblicas e nas trovas do sapateiro e poeta popular Bandarra (1500?-1556), Antônio Vieira (1608-1697), padre e diplomata, pretende ver Portugal ressurgir de sua grandeza antiga com a concretização do Quinto Império como português. Vieira acredita que o rei escolhido é o lendário D. Sebastião, o Encoberto. Sebastião assume o poder em 1568 com 14 anos e dez anos depois, na Batalha de Alcácer-Quibir enfrenta os mouros e é morto. Solteiro e sem filhos tem como sucessor seu tio-avô o Cardeal D. Henrique, que morre dois anos depois provocando uma crise na dinastia portuguesa, o que abre a chancela para a união das coroas de Portugal e Espanha, com a ascensão de Felipe II da Espanha. A partir daí, entramos no mito do sebastianismo: seu corpo jamais encontrado enseja histórias de que foi salvo e estaria em alguma ilha<sup>3</sup>, de onde regressaria no momento certo para dar continuidade ao destino português interrompido. Na falta de D. Sebastião, Vieira conclui que o Império terá início no ano de 1666, sob a liderança monárquica de D. João IV e a liderança espiritual de Cristo. Para Vieira, o Quinto Império seria: “um império universal, totalizante, harmônico, ondeoubessem todas as raças e todas as culturas, unidas espiritualmente num único reino cristão e católico”<sup>4</sup>. A versão de Vieira para os impérios diz que os quatro primeiros reinos estão associados a metais e o quinto tem como símbolo a pedra que destruiu a estátua, sendo: o 1º Império dos Assírios (ouro); o 2º Império dos Persas (prata); o 3º Império dos Gregos (bronze); o 4º Império dos Romanos (ferro e barro); o 5º Império dos Portugueses e espiritualmente de Cristo (pedra). Por causa de suas idéias, principalmente a profecia do Quinto Império, Vieira sofre processo inquisitorial nos anos de 1663 a 1667, mas acaba absolvido pela Igreja.

Muitos procuraram explicar o sonho de Nabucodonosor que parece inesgotável ainda hoje, mas em nenhum outro lugar da Europa sua dimensão política ganhou um “projeto de monarquia nacional tão claro quanto em Portugal” (Monteleone, 2004).

A formação do mito sebastianista é complexa, sendo freqüentemente apontada como oriunda principalmente das novelas de cavalaria: que transmitem o mito celta do “encoberto Arthur” e seus cavaleiros na defesa da Bretanha; do joaquinismo: idéias do monge italiano do século XII Joaquim de Fiore; e do messianismo judaico-cristão, que aposta na volta do messias.

<sup>3</sup> Segundo Fernando Pessoa nas *Ilhas Afortunadas* que remontam a uma lenda medieval.

<sup>4</sup> Citado em *Um novo rumo para Portugal*. Disponível em <http://www.prahoje.com.br/aruadoscontos/?cat=2>.

Destes três ingredientes formadores do sebastianismo, nos interessa ressaltar Joaquim de Fiore (1135-1202). Estudioso das Sagradas Escrituras, Fiore propõe haver uma concordância entre os eventos narrados no Antigo e Novo Testamento, que resultaria no entendimento do presente e do futuro. E estabelece uma teoria da história dividida em três períodos: as três idades do mundo correspondentes à trindade do cristianismo, os tempos do *Pai*, do *Filho* e do *Espírito Santo*. A primeira idade identificada a Deus, ao Velho Testamento e ao sentimento do medo, vai de Adão a Cristo; a segunda idade começaria com Cristo e se estenderia até o ano 1260, identificada ao Novo Testamento e a fé. Subdividida em duas séries paralelas: a Igreja do Oriente representada por João Evangelista e pela Virgem Maria e a Igreja Católica Romana com São Pedro e São João Batista; a terceira idade do Espírito Santo seria de 1260 em diante, referida ao amor e a liberdade. Período mais importante, visto que inaugura a humanidade do futuro, onde haveria o desaparecimento de todas as religiões e o governo do mundo se daria apenas pelo espírito do Evangelho.

### **Fernando Pessoa**

Fernando Pessoa (1888-1935), poeta português revê a seu modo a profecia do Quinto Império. Em vários momentos de sua obra, mas principalmente em *Mensagem* (1934), composto de 44 poemas independentes divididos em três partes (Brasão / Mar Português / O Encoberto), que formam em conjunto um só poema, escritos dos 25 aos 46 anos, trata da história mítica de seu país. Em *Segundo / O Quinto império*, do item I (*Os Símbolos*), da terceira parte (*O Encoberto*), temos:

Grécia, Roma, Cristandade,  
Europa – os quatro se vão  
Para onde vai toda idade.  
Quem vem viver a verdade  
Que morreu D. Sebastião?

*Mensagem* é o único livro de Pessoa publicado em vida, com o qual ganhou – na categoria poesia, segunda colocação – o prêmio Antero de Quental em 1934. Segundo um de seus biógrafos, o caráter original de *Mensagem* é “unir numa mesma inspiração e exaltação do sentimento nacional, os mitos do sebastianismo e do Quinto Império, o espírito da gnose e da tradição iniciática, em suma, a totalidade do que constitui a *visão Rosa-Cruz*” (Bréchon [1996]: 502-3).

Talvez a melhor explicação do pensamento de Pessoa sobre o Quinto Império seja o prefácio que o próprio escreveu para o livro *Quinto Império*, de Augusto Ferreira Gomes, editado também em 1934, que transcrevemos parte:

A esperança do quinto Império, tal qual em Portugal a sonhamos e concebemos, não se ajusta, por natureza, ao que a tradição figura como o sentido da interpretação dada por Daniel ao sonho de Nabucodonosor. Nessa figuração tradicional, é este o seguimento dos impérios: o Primeiro é o da Babilónia, o Segundo o Medo-Persa, o Terceiro o da Grécia e o quarto o de Roma, ficando o Quinto, como sempre, duvidoso. Nesse esquema, porém, que é de impérios materiais, o último é plausivelmente entendido como sendo o Império de Inglaterra. Desse modo se interpreta naquele país; e creio que, nesse nível, se interpreta bem. Não é assim no esquema português. Este, sendo espiritual, em vez de partir, como naquela tradição, do Império material de Babilónia, parte, antes, com a civilização em que vivemos, do império espiritual da Grécia, origem do que espiritualmente somos. E, sendo esse o Primeiro império, o Segundo é o de Roma, o Terceiro o da Cristandade, e o Quarto o da Europa – isto é, da Europa laica de depois da Renascença. Aqui o Quinto Império terá que ser outro que o inglês, porque terá que ser de outra ordem. Nós o atribuímos a Portugal, para quem o esperamos. A chave está dada, clara e obscuramente, na primeira quadra do Terceiro Corpo das Profecias de Bandarra, entendendo-se que Bandarra é um nome colectivo, pelo qual se designa, não só o vidente de Trancoso, mas todos quantos viram, por seu exemplo, à mesma Luz. Este Terceiro Corpo não é, nem poderia ser, do Bandarra de Trancoso. Dizemos, contudo, que é do Bandarra. A quadra é assim:

Em vós que haveis de ser quinto  
Depois de morto o segundo,  
Minhas profecias fundo  
Nestas letras que VOS pinto<sup>5</sup>.

Pessoa tem também o poema intitulado *Quinto Império*, iniciado em 1923 e finalizado no ano de sua morte, que não figura no livro *Mensagem*. Nele, o poeta diz que no Quinto Império há sacerdotes e não soldados e conclama Portugal a se levantar do “fundo surdo do Destino” e ser “feito Universo”.

Em 1921, Pessoa publica com seu próprio nome dois poemas eróticos em língua inglesa: *Antinous* “que é o lamento do imperador Adriano diante do corpo morto, nu, de seu muito jovem e belo amante” e *Epithalamium* “a narração ‘animalesca’ de um casamento de aldeia” (Bréchon [1996]: 295). Ambos fazem parte de um projeto maior do autor, relatado em carta a Gaspar Simões em 1930: “um pequeno livro que percorre o círculo do fenômeno amoroso. E percorre-o num ciclo, a que poderei chamar de imperial” (*apud, id.*, p. 294): *Antinous* (Primeiro Império Grécia); *Epithalamium* (Segundo Império

<sup>5</sup> Citado em *Um novo rumo para Portugal*. (Cf. nota 4, acima).

Roma); *Prayer to a Woman's Body* (Terceiro Império Cristandade); *Pan-Eros* (Quarto Império Moderno) e *Anteros* (Quinto Império). Ainda na mesma carta, explica:

o conteúdo dos poemas não é o que define os 'impérios' a que eles se reportam.

Assim, Antinous, que é grego quanto ao sentimento, é romano quanto à colocação histórica. Epithalamium, que é romano quanto ao sentimento, que é a bestialidade romana, é, quanto ao assunto, um simples casamento em qualquer país cristão (*apud, id.*, p. 295).

O projeto não foi concluído; dos três últimos poemas temos apenas “rascunhos curtos que não dão idéia precisa do que teriam sido” (*id.*).

### Os Cinco Impérios: o creodo antrópico

MD Magno (1938-), criador da Nova Psicanálise, em 1978 publica *Sebastião do Rio de Janeiro*, livro de poemas escrito em 1975, sessenta anos depois de *Antinous* (1915)<sup>6</sup>, em que anuncia a intenção de retomar o projeto pessoano do amor em um ciclo imperial. Sendo este seu livro o primeiro de um possível conjunto de cinco textos. Em cento e seis poemas, o autor relata a paixão de JM a MJ; paixão que se imiscui aos temas: “descobrimento do Brasil; fundação do Rio de Janeiro; história do Rio de Janeiro; Sebastianismo; seu martírio e seus mitos no Brasil; filosofia; pederastia; religião; moral; diferença sexual” (Magno [1978]: 129). O projeto dos Cinco Impérios articulados ao fenômeno amoroso em Magno – tal qual em Pessoa – até agora resta incompleto. No entanto, foi retomado em outra formulação, a do *Creodo Cultural* ou *Antrópico*, que são “os Cinco Impérios propostos pela Nova Psicanálise”.

Em *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*, livro que transcreve seu Seminário de 1994, na seqüência da análise da cultura esboçada em *Est'Ética da Psicanálise*, Seminário de 1989 (p. 92-103), temos a apresentação dos *Cinco Impérios*: um caminho obrigatório – um creodo<sup>7</sup> – que a espécie humana percorre quando se movimenta. A obrigação do caminhar da cultura na direção proposta se dá apenas se houver movimento, visto que “nada obriga” caminhar progressivamente, podendo paralisar ou mesmo regredir. Esta formulação continua a ser trabalhada e publicada até os dias de hoje: está sistematizada e resumida em *Psicanálise, Novamente: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise*, de 1999, e bastante desenvolvida em *Comunicação e Cultura na Era Global*, de 1997, em que lemos:

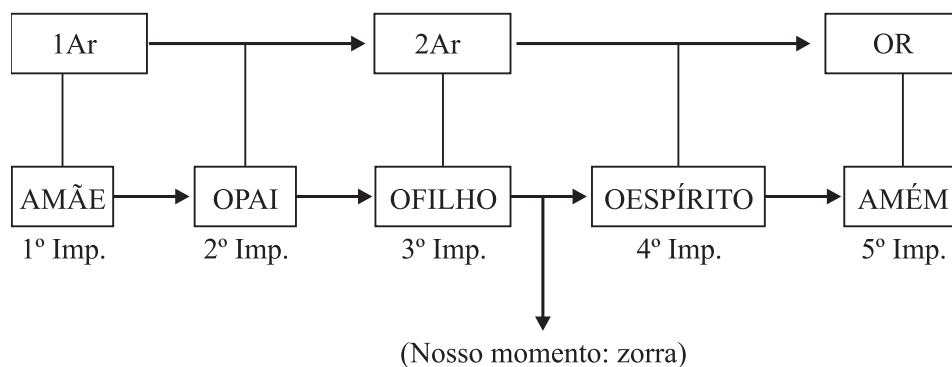
<sup>6</sup> ... “nesta data restauramos (1975), Antinous sessent’anos depois, depois do de Pessoa, exatamente (1915)” (Magno [1978]: 124).

<sup>7</sup> Termo retirado do pensamento de René Thom, autor da teoria das catástrofes, que significa: ‘caminho obrigatório’.

(...) nossa espécie, no que se movimenta quanto à sua organização social, política, econômica, etc. percorre esse caminho. E o percorre não necessariamente em concomitância de todas as suas manifestações. Ela pode, num determinado campo de manifestação, estar mais adiantada, e noutra, mais atrasada. Às vezes, pequenos grupos ou indivíduos dentro do grupo podem dar saltos (p. 74).

A relação do aparelho teórico da Nova Psicanálise com a Cultura – entendida como *modo de existência da espécie humana* – é tecida através de três regimes ou níveis e também recalques que especificam os modos de construção do que há: Primário, Secundário e Originário. O regime *Primário* se refere ao espontaneamente dado: o ambiente em que vivemos e nosso corpo, por exemplo. No caso da espécie humana, é aquele das construções somáticas, ou seja, a constituição biótica (autossoma) acompanhado de uma programação comportamental (etossoma). O regime *Secundário* é aquele sobreposto ao Primário, da construção simbólica, no qual fabricamos “nossa sorte histórica” (Magno [1994]: 17); inclui o que se chama de aparelho informacional. É o lugar onde se dá a produção da cultura e da linguagem, e “resulta na massa enorme de artefatos, artificios, produzidos pela espécie” (Magno [1997]: 56). O regime *Originário* é a competência que temos de avessar ou revirar, pois, “nossa mente é absolutamente simétrica e reversível” (Magno [1994]: 103), e com isso exige o contrário daquilo que se apresenta, o que nos dá a chance de criar. Em função desta competência de reviramento, a Nova Psicanálise afirma que o registro máximo de distinção da espécie humana é o Revirão, a operação de avessamento resultante do processo Originário. Portanto, o nível Primário dado espontaneamente porta um nível Originário que gera em conseqüência um nível Secundário. Os Impérios passeiam necessariamente por estes registros cujo início será sempre o Primário (por sua configuração mais pesada, *hardware*), passando pelo Secundário (com configuração mais maleável, *software*), até o Originário (nível de abstração máxima e reviramento).

Os Cinco Impérios da Psicanálise, através dos quais a espécie humana se encaminha, recebe denominação que acrescenta dois períodos (o primeiro e o último) àqueles propostos por Fiore: *Primeiro Império*, denominado Império d’AMÃE, cuja referência é estritamente ao Primário; *Segundo Império*, Império d’OPAI, situado na passagem de Primário a Secundário e, portanto, cuja referência é tanto primária quanto secundária; *Terceiro Império*, Império d’OFILHO, cuja referência estrita é ao Secundário; *Quarto Império*, Império d’OESPÍRITO, situado na passagem do Secundário para o Originário, ou seja, tendo as duas referências; e *Quinto Império*, Império do AMÉM, cuja referência estrita é ao Originário.



O Primeiro Império, d'AMÃE, “é aquele onde a referência de alguém é ser... filho da mãe”. Historicamente talvez tenhamos como exemplo uma organização matrifocal, em que o foco de reconhecimento de cada indivíduo e grupo era a mãe comum (não se trata de matriarcado ou de matrilinearidade). No Segundo Império, d'OPAI, inventa-se o Pai, situado entre o Primário e o Secundário, visto que é o “Pai do Filho da Mãe” (Magno [1999]: 157) e, do mesmo modo, inventa-se o “Pai-do-céu que é pai de certo povo dileto”. Um de seus exemplos pode ser verificado nas práticas do Judaísmo. No Terceiro Império, d'OFILHO, há a invenção de um Deus como pai de todos, um pai com referência estritamente simbólica, sendo o exemplo maior o Cristianismo. Jesus Cristo é, pois, o filho de um Pai que é de todos aqueles capazes de ouvir Sua palavra. O Quarto Império, d'OESPÍRITO, qualifica-se pela “movimentação plena do Secundário, [onde] a referência fundamental de cada um agora tem que ser sua própria competência – performance – de articulação” (*id.*, p. 162-2). Nele se dispensa a idéia de paternidade e a palavra como mediadora da relação com Deus. O Quinto Império, do AMÉM, é “aquele em que Eu é referido por simplesmente ser aquele que revira, que não tem pegadas obrigatórias, que não é ninguém senão possibilidades” (*id.*, p 165). É difícil de ser pensado visto que nosso momento histórico atual (a “zorra” indicada no esquema acima) é ainda o do surgimento incipiente do Quarto Império e predomínio do Terceiro Império. No Quinto Império – com referência estrita ao Originário – teríamos a Saúde, com seu sentido em latim de “valetudo” e a capacidade de reviramento pleno. Se lá chegarmos, talvez reine para sempre o que indicaram Daniel e todos outros.

### Referências

Profecia da Estátua de Nabucodonosor. Disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org>. Acesso em 20 ago 2006.

Daniel. Disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org> Acesso em 20 ago. 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Velho Testamento. *Os Livros Proféticos: Daniel*. 45ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BRÉCHON, Robert. [1996] *Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MAGNO, MD. [1999] *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento Para o Século II da Era Freudiana*. Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise. Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.

\_\_\_\_\_. [1997] *Comunicação e Cultura na Era Global*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2005.

\_\_\_\_\_. [1994] *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2000.

\_\_\_\_\_. [1989] *Est'Ética da Psicanálise: Introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

\_\_\_\_\_. *Sebastião do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1978.

MONTELEONE, Joana. *O império dos sentidos*. In: Revista Fapesp. Edição Impressa 103, set. 2004. Disponível em: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em 17 ago. 2006.

PESSOA, Fernando. *Mensagem. À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais. Quinto Império. Cancioneiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.